

## Macacos de Mamirauá: primeira razão de ser da reserva

Categories : [Projeto Iauaretê](#)

As pesquisas com primatas em Mamirauá são uma das atividades essenciais realizadas dentro da Reserva. Aliás, pode-se dizer que um macaco chamado uacari-branco (*Cacajao calvus calvus*), de pelagem amarelo-claro e cabeça completamente pelada e vermelha, foi responsável pela implementação de [Unidades de Conservação](#) na região.

Tudo começou quando, na década de 80, o primatólogo José Marcio Corrêa Ayres 80 penetrou nas várzeas alagadas para estudar esta curiosa espécie de macaco. Encontrou ali muito mais do que a misteriosa Amazônia, com sua fauna e flora exuberantes. No meio de todo aquele mar doce, conheceu milhares de pessoas morando sobre as águas há várias gerações, vivendo e tirando dali seu sustento. Ideias perfilharam sua mente, seguidas de conversas e articulações nos órgãos governamentais. Em 1996, foi criada a Reserva de Desenvolvimento Mamirauá. A vizinha [Reserva Amanã](#) surgiu logo depois. Junto com o [Parque Nacional do Jaú](#), as três formam um extenso [corredor ecológico](#), fundamental para a permanência das comunidades e para conservação da biodiversidade.

As pesquisas com uacari tiveram uma longa pausa após o fim do doutorado do Marcio. Mas foram retomadas aos poucos, com estudos sobre distribuição da espécie e dieta alimentar. Atualmente, o biólogo Felipe Ennes Silva estuda a ecologia e comportamento destes primatas, e entre diversas perguntas, quer saber como a sazonalidade das inundações afeta seu padrão de comportamento, no percurso diário em busca de alimentos e em sua área de sobrevivência. Suas intenções e dos demais pesquisadores envolvidos é implementar um trabalho de pesquisa e acompanhamento a longo prazo.

*Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas*

Em paralelo, Felipe tem se dedicado nos últimos 2 anos às análises taxonômicas e biogeográficas da espécie em outras regiões, que incluem por enquanto 4 subespécies encontrados no Médio Rio Solimões, Médio e Alto Rio Juruá, Rio Jutai e Rio Javari. O objetivo é entender melhor o padrão de distribuição destas subespécies e contribuir para o entendimento de sua taxonomia: se as subespécies diferem, o quanto diferem, e a implicação disso para sua conservação.

Uma outra pesquisa com primatas em andamento é com o pequeno e dócil macaco-de-cheiro-de-

cabeça-preta (*Saimiri vanzolinii*). [Endêmico](#) da região, é uma das três espécies de *Saimiri* encontradas na Reserva. Este primata era totalmente desconhecido pela ciência até 1985, quando Márcio Ayres, durante suas pesquisas de campo com uacari, observou um macaco-de-cheiro com pelagem bastante diferenciada das demais espécies. Após um exaustivo trabalho de campo, confirmou que se tratava de uma espécie nova.

Passaram-se mais de 20 anos até a nova espécie receber atenção. Até que, em 2006, a bióloga Fernanda Paim teve a ideia de estudar os limites da sua distribuição geográfica combinada com aspectos básicos de sua ecologia. Atualmente, a intenção da pesquisadora é avaliar de que forma a estrutura do habitat e disponibilidade de alimento influenciam a densidade e distribuição geográfica do macaco-de-cheiro-de-cabeça-preta.

Classificado como vulnerável à extinção na [lista de espécies ameaçadas da IUCN](#), este macaquinho é o primata neotropical com menor área de distribuição geográfica conhecida. Fernanda constatou que sua área é de apenas 870 Km<sup>2</sup>. Seus trabalhos de campo incluem, além de observação direta dos grupos de macacos, captura para avaliação biométrica, genética e da saúde dos animais. Fernanda pretende identificar também se está havendo hibridismo entre espécies de *Saimiri* que convivem nas mesmas áreas, especialmente nas áreas limítrofes da distribuição e em áreas onde os canais (pequenos rios) são estreitos, facilitando a travessia dos animais de uma margem a outra, quebrando as barreiras de sua distribuição.

*Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas*

### **Leia também**

[Projeto Iauaretê: história, sucessos e o conflito homem-onça](#)

[Projeto Iauaretê: as onças das árvores de Mamirauá](#)